

TRABALHAR CANSA: VAZIO “GLOCAL”

Sérgio Rizzo

“Você onde é que estava quando o tempo andou?

Na terra que não pára, só você parou”

Billy Blanco, “Sinfonia Paulistana”

“Aqui não tem nada pra fazer”, diz a menina Vanessa (Marina Flores) ao chegar com o pai, Otávio (Marat Descartes), ao sítio da família onde vão passar o Carnaval sem a companhia da mãe, Helena (Helena Albergaria), que ficou em São Paulo para abrir, em pleno feriado e para desagrado de seus funcionários, o mercadinho do qual é proprietária. Não seria preciso que Vanessa externasse verbalmente a antevisão do tédio: ela e Otávio expressam com seus corpos a tal falta do que fazer quando, recém-chegados ao sítio, entram na sala de estar, tiram os lençóis empoeirados que cobrem os sofás – qual teria sido a última vez em que alguém esteve ali, desfrutando a propriedade? – e sentam, prostrados, observando o espaço.

O desconforto com o ócio forçado pelo desemprego acompanha Otávio ao longo de *Trabalhar Cansa* (Marco Dutra e Juliana Rojas, 2011), mas a breve sequência do Carnaval no sítio fala de outro incômodo, o de não saber o que fazer com o tempo chamado “livre”, o que pertence ao próprio indivíduo, e não a seu empregador. Antes disso, houve um outro momento expressivo de lazer que desconforta, o do turbulento Natal familiar à luz de velas. Enquanto a mãe de Helena, Inês (Lilian Blanc), e a irmã de Otávio (Daniela Smith) conversam no sofá antes de dormir, ouve-se um ronco vindo fora do quadro, supostamente do marido de Inês (Ruben Pignatari). Ali não tem nada pra fazer.

O vazio de uma sociedade voltada para o trabalho, e que perversamente nem mesmo é capaz de oferecê-lo a todos, pauta todo o andamento do filme. Índícios de desgaste do modelo econômico – foi mais um hipermercado que levou ao fechamento de uma mercearia de bairro o responsável por exterminar o emprego de um candidato à vaga entrevistado por Helena – e da brutalização das relações no mercado de trabalho – a demissão de Otávio para a promoção de um jovem inexperiente e mais “barato”, as “dinâmicas” de Recursos Humanos das quais ele participa para disputar um emprego ou preparar-se para enfrentar a “selva” – correspondem a um diagnóstico das “infiltrações” que dilapidam a estrutura, espécie de “umidade que estraga as casas”, como as paredes do mercado de Helena, não por acaso instalado em um prédio dos anos 1950.

Para onde fugir? “Ainda bem que aqui não tem praia”, diz a corretora, Soraia (Eliana Teruel), que mostra o imóvel desocupado a Helena, na sequência inicial. Ela se refere ao perigo de um tsunami, de que a cidade estaria a salvo, mas termina por lembrar a ausência de um espaço consagrado ao ócio e à comunhão com a natureza – logo, um tanto “dispersivo”. Estamos em São Paulo, a megalópole identificada com o trabalho, onde “portas de aço levantam, todos parecem correr/não correm de, correm para/para São Paulo crescer”, na canção “Sinfonia Paulistana”, de Billy Blanco: “Olha a hora, vão bora, vão bora, vão bora/que o tempo não espera, a vida é derradeira”.

A rigor, no entanto, poderíamos estar em inúmeros outras cidades do planeta. O microcosmo social de *Trabalhar Cansa* tem uma universalidade urbana que tende a soar familiar para todo espectador inserido, em maior ou menor grau, na lógica de exploração econômica, de apelo ao consumo e de vazio existencial que parece querer organizar o século XXI, a despeito dos profundos abalos na engenharia que a sustenta.

É “global”, portanto, o longa de estreia de Marco Dutra e Juliana Rojas, mas é também “local” em seu olhar cuidadoso sobre artefatos e hábitos de nossa cultura urbana – como as relações ambíguas de Helena com a empregada mulata, Paula (Naloana Lima), para a qual diz não ter condições de oferecer “carteira assinada”, e a quem confina em um quarto sem televisão, o que simbolicamente a exclui de maneira agressiva, ou a menção da corretora Soraia a “essa gente” (os inquilinos que abandonaram o imóvel e desapareceram).

Trabalhar Cansa exemplifica bem o que em alguns setores da economia se chama de “glocal”, o produto que circula globalmente graças a uma combinação entre seu caráter local, que o diferencia, e seu caráter universal, que amplia seu alcance para muito além da própria aldeia. O cinema argentino de exportação já encontrou o seu modo de fazer isso, elegendo justamente a classe média como seu eixo. Marco Dutra e Juliana Rojas apontam para caminho particular, mas também em sintonia com a mesma ideia.

Sérgio Rizzo

Jornalista, mestre em Artes/Cinema e doutor em Meios e Processos Audiovisuais pela ECA/USP. É colunista do portal Yahoo! e diversas publicações especializadas, além de professor das universidades Mackenzie, FAAP, e das escolas Casa do Saber e Academia Internacional de Cinema.